

CONTRA AS DEPORTAÇÕES

O movimento de protesto teve apenas o seu início

A greve geral de 48 horas, que os jornais reacccionários quiseram apresentar como fracassada, foi um elo-
qüentíssimo começo da campanha proletária a favor dos operários honestos deportados arbitrariamente.
Milhares de operários tomaram parte na greve geral. E mais colaborariam nêsse movimento, absolutamente
digno, absolutamente honrado, se a notícia da greve, que as autoridades abafaram, tivesse sido divulgada con-
venientemente.

O proletariado da província irá manifestando a sua repulsa pelos actos governamentais, cada terra de per
si, até que os deportados regressem, como é devido, à metrópole de onde foram arbitrariamente expulsos.

Proletários: a vida e a saúde dos deportados reclamam a vossa solidariedade!

Lutemos pela Liberdade e pela Justiça!

A greve de protesto

Apesar da sua falta de prepara-
ção, por se tratar dum movimento
resolvido em muito pouco tempo e
como reacção imediata à afronta re-
cebida, a greve de protesto pelas
deportações revestiu uma grande
importância. Uma grande parte do
operariado de Lisboa nela se lan-
çou, sobretudo os elementos mais
conscientes. Comquanto os jornais
reacccionários tenham pretendido di-
minuir o valor do movimento, dan-
do-o como nulo e dêle não tendo
participado a maioria dos operários,
a verdade é que os mesmos jornais
sentiram a influência da greve
mesmo lá por casa.

A greve era uma greve de pro-
testo contra as deportações de in-
divíduos sem julgamento. Preten-
de-se por aí que se tratava dum
movimento de solidariedade com a
Legião Vermelha. Isso não tem ou-
tro fim que não seja o de desvir-
tuar as intenções do operariado e
comprometê-lo, chamando contra
êle o odioso labeu de apoiar e de-
fender a prática do crime e do ban-
ditismo.

Repelimos a insinuação. Todos
os que nos têm sabido muito bem
que o operariado de modo nenhum
perilha os processos adoptados pela
Legião Vermelha. Não pode deixar
de reprová-los actos praticados por
esta, como reprova os crimes pra-
ticados por outras legiões, como a dos
banqueiros, a dos comerciantes, a
do patronato industrial.

O nosso protesto foi, pois, não a
favor de tal ou tal legionário, ou
suposto legionário, mas contra o
princípio, fora de todos os preceitos
jurídicos, de se deportar seja quem
fôr, por arbitrio do poder executivo.

Repugna-nos à nossa consciência
de homens livres que nesta altura
da civilização se adoptem tais pro-
cessos de governar. Ainda que se-
jam contra todos os governos,
contra a pressão de toda a autori-
dade, não podemos deixar de sen-
tir uma indignação mais profunda
quando o governo, a autoridade re-
veste esta forma excepcionalmente
opressiva. O que se fez com as de-

portações só seria possível em plena
ditadura, num regime de vio-
lência e de arbitrio.

Tanto isto assim é que o movi-
mento de opinião reprovando a at-
titude do actual governo não se res-
tringe ao operariado. No seio de
partidos políticos e, com bastante
intensidade, no próprio partido de-
mocrático de onde o actual minis-
tério saiu, a parte mais sã desse par-
tido, os seus elementos populares,
estão perfeitamente identificados no
protesto que nós levantamos. São
disso uma prova as moções das co-
missões políticas desse partido no
Pôrto e outros organismos parti-
dários.

A greve é apenas o início dum
movimento contra a violência exer-
cida pelo governo deportando pre-
sos sem julgamento. O operariado
vai fazer sentir por outros meios
ainda o seu desagrado contra tais
factos, fazendo a sua reclamação. É
natural mesmo que o próprio parla-
mento tome contas ao governo do
abuso que êle praticou das atribui-
ções que lhe deu com o fim restrito
de julgar o último movimento re-
volucionário. O governo foi além
das autorizações que lhe foram da-
das porque foi até ao ponto de des-
truir a divisão e independência dos
poderes do Estado, tomando a fun-
ção do poder judicial, sobrepon-
do-se a este poder e aplicando pen-
as que nenhum juiz exarou em
qualquer sentença. O parlamento,
mesmo dentro do seu estreito crité-
rio político, não pode deixar que
em seu nome se tenha praticado
uma tal subversão na ordem do Es-
tado.

Estamos convencidos de que esta
afronta à liberdade e ao espírito ju-
rídico, mesmo das pessoas que não
comungam connosco nos nossos
ideais virá a ser reparada e a situa-
ção anterior restabelecida, não sen-
do, como se sabe êsse o nosso últi-
mo objectivo, pois ficaremos no
nosso posto continuando a lutar por
uma progressiva e constante trans-
formação da vida social.

Notas & Comentários

A hora das lesmas...

O jornal de Notícias está publican-
do uma monografia dum nacionalista que
tudo importa de França desde as ideias que
são do grupo da "Action Française" até às
gravatas que para usá-las "badaud" se fa-
briam em Paris.

O autor dessa prosa é um mocinho, des-
ses que andam muito citados e se confun-
de com as raparigas, atacado de linfa-
tismo e de clerical verborreia. Para o pe-
queno que escreve no Notícias do Pôrto
Vitor Hugo, que êle classifica de "Homem
da asneira", exerceu um perverso apos-
tado. Ora a insolente crincheira que tão
grande pretensão possui...

Vitor Hugo que marcou na vida da arte
e do pensamento um momento de indiscri-
tível julgo não pode ser atingido por uma
coisinha viscosa fabricada com a nata dos
passiflora avariados da "Marquesa".

O mesmo pequeno ataca também a re-
volução francesa esquecendo-se, ingratu-
mente, que é devido a ela que possui a li-
berdade de escrever asneiras, liberdade que
atingiu também as lesmas, as deporáveis
lesmas como êle...

Loucura e morte

Dizem os jornais que um guarda-livros
chegado recentemente de Africa, com sua
mulher, foi, pelo eterno processo do conto
do vigário, esbulhado das suas economias
que o levaram por quarenta contos.

Do seixar-se roubado, o guarda-livros so-
freu tamanha conção que morreu 24 ho-
ras depois. Sua mulher sofreu tal depres-
são nervosa pela perda dos 40 contos e pela
morte do marido que perdeu o uso da razão
e foi internada num manicómio.

Tudo isto tem um aspecto sóbrio, pleno de
simplicidade, da terrível simplicidade dum
trágico. Devemos culpar alguém por ela?
Sinceramente, não vemos motivo para isso.
Como nas tragédias gregas, nesta encontra-
se como um dos seus elementos mais deci-
sivos a fatalidade. Mas, a época da fatali-
dade já lá vai. Hoje, as coisas explicam-se
melhor e doutra maneira.

A fatalidade está aqui posta a nã no
amor implacável pelo dinheiro que fez
um homem roubar a outro 40 contos, que
fez outro perder todo aquele dinheiro na
ansia de obter mais. Essa ambição do di-
nheiro, ambição que entrava o raciocínio,
obscurce a razão e seca o sentimento não é
uma ambição fatal. É a consequência ló-
gica inevitável dum sociedade que repousa
economicamente num artifício e numa in-
iquidade de modo a assegurar maior pro-
vento aos que menos valem e menos tra-
balham. Esse artifício e esta iniquidade con-
duzem, muitas vezes, à riqueza. Neste caso
conduziram à loucura e à morte.

E então a fatalidade? Sejam os francos:
a sociedade o que é da sociedade e ao viga-
rio o que ao vigarista cabe.

A guerra de Marrocos

Os franceses dizem pequenas
as suas perdas
e vários os reveses dos mouros

PARIS, 5.—Perante as comissões do Se-
nado, do exercito e dos negócios estran-
geiros, o sr. Painlevé declarou que as noti-
cias das perdas das tropas francesas em
Marrocos têm sido muito exageradas.

Até hoje elas são as seguintes: mortos,
118; feridos 1.108, desaparecidos, 300.
Em todos êstes números — esclareceu —
estão incluídos indígenas. — (L.)

RABAT, 5.—Em toda a linha de batalha
não há a registar qualquer acção militar
importante, salvo uma operação levada a
efeito para limpar de agitadores a região
de Almar.

Sabe-se agora que nos dias 21 e 22 de
maio, a aviação francesa inflingiu aos
djeballas perdas que se elevaram a 250
mortos e 300 feridos.

Segundo informações recebidas do cam-
po mouro, os djeballas mostram-se cada
vez mais renitentes em fornecer os contin-
gentes que lhe são pedidos por Abd-el-
Krim. — (L.)

Um gesto indigno

Tendo chegado ao conhecimento do
S. U. C. C., por uma comissão de operários
da Companhia Previdente, que, em virtude
do protesto promovido pela Câmara Sindi-
cal do Trabalho de Lisboa, o engenheiro
dirigente ordenou que não deixava os ope-
rários retomar o trabalho até segunda re-
solução da mesma entidade, êste sindicato
protesta contra tamanha arbitrariedade e
faz sentir aos referidos operários que de-
vem reclamar daquela companhia os pre-
juízos que lhe está causando aquele enge-
nheiro, em virtude do seu indigno procedi-
mento.

Quem será?

RABAT, 5.—As atenções das autoridades
francesas estão voltadas para um mouro,
vestido elegantemente e falando várias
línguas, que em outubro do ano passado
freqüentou todos os centros de prazer de
Rabat, Meknes, Taza, Fez e Casablanca,

O FARO DE SHERLOCK...

A "tenebrosa associação" da Cruz dos Quatro Caminhos

Os crimes da "terrível seita" seriam praticados
com uma panela ferrugina!

A polícia quando não tem um Sherlock
Holmes — cremos que nunca o teve — os
jornais de grande circulação incumbem-se
com um sádico prazer de o descobrir, en-
feitando com insulsos mas retumbantes ad-
jectivos aquela malfeita prosa que sai do
governo civil. Chefe Xavier descobriu-se a
si mesmo como Sherlock de primeira gran-
deza, e assim o tomam, por necessidade, os
jornais de grande circulação que no fundo
se riem de tanta... perspicácia. Pois êsses
jornais vinham ontem com notícias de gran-
de efeito, anunciando aos pacovios dos
quatro cantos da cidade que ali para o Ca-
minho de Baixo da Penha fora descoberta
uma tenebrosíssima associação e presos os
membros que a compunham. Ao mesmo
tempo, e perto desse sítio eram apanhadas,
num galinheiro, 9 formidáveis bombas de
dinamite que deviam servir para a execu-
ção de alguns dos atentados planeados por
essa tenebrosíssima associação. Os jornais
apontavam o nome das vítimas, entre as
quais se contavam o sr. Cunha Leal e o
sr. Viriato Lobo pessoa de que ninguém se
lembrava já.

Embora duvidássemos — não da perspi-
cácia do inconfundível sr. Xavier — dum
tão rocambolesca novela, resolvemos, por
uma questão de probidade, profissional, ir
ao local onde se fizeram tão belas miríficas de-
cobertas. As primeiras pessoas com quem
topámos e a quem perguntámos por im-
pressões da tal associação tenebrosa, mira-
ram-nos a princípio com certa desconfian-
ça que depois se transformou numa garga-
lhada geral. Deixámo-nos passar, resigna-
damente, alguns minutos, por pacovios,
afim de surpreendêmos mais à vontade as
impressões da gente da sítio. Ouvimos co-
mentários como estes:

— Este ainda é dos "bons".

— Vai na "fita" do que dizem os jornais.

— Se calhar também acredita nas almas
do outro mundo.

Este acolhimento dissipar-nos-las todas
as dúvidas se, porventura, as tivéssemos.
Constatado que estavam diante dum
das muitas mistificações que a polícia pre-
para, começámos a ouvir a verdade repro-

duzida com elucidativos pormenores. E
concluímos, depois de ouvir muitos depo-
imentos, de escutar muita gente, por saber,
sem medo de rectificações nem de des-
mentidos, como as coisas se passaram.

Na Cruz dos Quatro Caminhos, que fica
ali para o Caminho de Baixo da Penha,
existe uma tabernaria conhecida pela "tas-
ca" do Augusto Carreira, onde costumam
ir alguns dos operários que trabalham pró-
ximo. Os membros da tal perigosíssima as-
sociação não passavam de 9 fregueses da
taberna que ao serem presos estavam ca-
vaqueando com grande despreocupação.

O próprio taberneiro, a quem ouvimos
referir as conversas dos seus fregueses, o
confirma. A associação é uma história fan-
tástica e os 9 indivíduos acusados dela fa-
zeram parte vão — nós conhecemos a força
da polícia — ficar presos uns dias a fim de
aquela cambada de Sherlocks postigos não
ver desaparecer num épice aquele efeito
das notícias retumbantes que vinham nos
jornais. Esses, por sua vez, ainda desfiarão,
alguns dias mais, o mesmo grande e horri-
vel cuento para não terem de confessar o
carapetão que impingiram aos leitores.

A polícia entendeu que era necessário
arranjar "cenário" para colorir a sua estú-
pida fantasia. E assim, para conduzir os
operários presos, arranjaram uma força de
30 polícias comandada pelo chefe Nazaré,
que marchava à frente dela, teatralmente,
de espada desembainhada.

Para dar a ideia da despreocupação dos
membros da terrível seita, acrescentámos
que um deles, quando foi preso, estava para
ir buscar sua mãe, chegada da província, a
quem queria mostrar a cidade...

E as bombas, as potentes bombas, as
terríveis bombas? Esses perigosíssimos ex-
plosivos, engenhos mortíferos, capazes das
piores destruições e dos mais danados ma-
lefícios, não passavam dum inofensivíssima
panela velha cheia de pregos.

E mesmo essa famosíssima panela não foi
apreendida aos presos nem sequer no local
onde se efectuaram as prisões.

Faltam os atentados. Mas resistirá a dois
minutos de análise séria esta de matar pes-
soas com uma panela velha e ferrugina?

Pulverizando insinuações

Publicou ontem A Tarde um artigo
infeliz no qual se pretendia fazer acreditar
que a Câmara Sindical do Trabalho acon-
selhava ao operariado um movimento a fa-
vor dos homens da "Legião Vermelha".

Esse movimento, que afirmava ter frac-
sado, a-pesar-de-lhe ter sentido os efeitos
em casa — pois não teve quem lhe fizesse
o jornal, nem quem lhe desse a expansão
habitual — obedeceu, segundo a sua frase
de remate, a "intriguias de políticos".

Eis uma insinuação que A Tarde não saberá
explicar convenientemente. Também queria
aquela gazeta que a Câmara Sindical do
Trabalho desse maiores provas de compe-
tência do que a sagaz polícia, que tanto
elogia, denunciando em duas listas distin-
tas quem eram os homens da "Legião Ver-
melha" e quem eram os operários inocen-
tes. Sabemos quem são os operários ino-
centes — o que não sabemos, porque sobre
isso não se pronunciaram os tribunais, é
quais são os homens da "Legião Vermelha".

Se o governo tivesse o escrúpulo moral
que da nossa parte existe, não teria feito
as deportações, sem que os tribunais fizes-
sem a destinação que a Tarde de nós exige.

Nem nós, nem o governo, nem a Tarde,
que com tanta facilidade dá o epíteto de
"legionário" a qualquer indivíduo cuja de-
tensão noticia, serão as pessoas mais idô-
neas para dizer: "Este é legionário" aque-
le não o é". Para que não se estabeleçam
prévios e errados juízos existem os tribunais,
aos quais o governo não devia antecipar-se
aplicando a homens que não foram julga-
dos uma pena severa e odiosa. E são tão
melindrosas estas questões que mesmos os
tribunais podem enganar-se...

E por todas estas razões, que resumida-
mente expomos, que o operariado recla-
mando o regresso dos deportados toma
uma atitude honesta que nem a própria
Tarde, se fosse mais leal, e não se deixasse
orientar pelo espírito rasteiro de qualquer
esbirro que a informa, deveria assumir.

A NOBRE ARTE...

A MORTE DE UM "BOXEUR"

No final dum espectáculo cruel, ofereci-
do ao instinto feroz dum imensa multidão
que só pode vibrar de entusiasmo ante a
ferocidade regulamentada, um homem re-
colheu sem fala à sala de observações do
hospital de São José, sem forças para amal-
doar a estúpida civilização dum época
que batia palmas, delirante, enquanto êle
recebia no rosto a saraivada de socos que
lhe despedaçaram a vida.

Esse homem era um negro, conhecido
por Kid Augusto. Com a ingenuidade pró-
pria da sua raça, com a submissão, com o
espírito de sacrifício de quem pretende
mostrar-se apto para suportar todo o peso
das aquisições da nossa época civilizada, o
pobre Kid resistiu a todos os embates da
celebrada civilização traduzidos nos formi-
dáveis socos que o empurraram brutalmen-
te para a morte. Morreu sem uma queixa,
porque os seus lamentos seriam tomados
por brancos como um argumento mais a
comprovar a inferioridade da sua raça.

O público deveria ter sentido a morte a
aproximar-se do pobre negro, mas não foi
capaz de manifestar a sua compaixão, por-
que era preciso que um negro não vencesse,
que um negro ficasse aniquilado, ainda
mesmo que isso lhe custasse a supressão da
vida. E o pobre Kid morreu, succumbiu à
ferocidade, à insensibilidade, à preverção
dum instinto sangüinário dum raça que se
diz superior, quando foi afinal ela que ar-
rastou o pobre negro a aceitar as imposi-
ções das suas ignóbeis virtudes.

Kid vivia no Pôrto como modesto em-
pregado numa revista sportiva. Era alegre e
tinha uma linda voz. Resumia nas tendên-
cias do seu carácter, o tipo de beleza sem
mácula, porque personificava a beleza má-
cula, plena de alegria e de lirismo e simpli-
cidade.

Um dia a civilização tocou por êle, e en-
trou a seduzi-lo. Kid poderia ser um magni-
fco boxer. Poderia conhecer pelo sóco, a
fortuna e a glória. E Kid deixou a sua ho-
nesta labuta, a sua alegria, a simplicidade
do seu canto e debandou para a selva-jaria
do box.

O seu contacto com a civilização dei-
nistu: fê-lo conhecer a ferocidade. E o ne-
gro que era bom, e amava a música passou
a imitar os brancos, e tornou-se como êles
um mercenário da ferocidade, porque a
nossa civilização é esta, resume-se nesta
tenebrosa síntese: fazer dinheiro, realizar
lucro com tudo, até com a brutalidade.

Kid passou a ser um elemento magnífico
de diversão. Algumas vítimas, alguns aplau-
sos, deram-lhe uma ilusão, uma infeliz mi-
ragem de simpatia, e continuou divertindo
a estúpida multidão que assistia feliz ao es-
pectáculo do homem tornado fera.

Santas almas!

Quantas vezes elas não teriam a propó-
sito dum gesto revoltado de trabalhadores,
lançado a sua ignóbil farçada de compa-
nhão?

Quantas vezes, quando um protesto mais
violento alvorçava a sua consciência de
cobardes, êles não evocaram, os velhacos,
os mais sagrados princípios dos humani-
dades, exibindo a mais odiosa especulação de
sentimentos, para aniquilar o ímpeto justí-
ceiro dessa atitude de revolta dignificante?

Ah! Mas é que a ferocidade desses es-
pectáculos era regulamentada, e era feita
para uso do seu prazer egoísta, de lisongear
sem responsabilidade o seu oculto instinto
de feras domesticadas pela hipocrisia.

As autoridades, que a propósito de tudo
exibem igualmente a comédia do humani-
tismo, também não se revoltaram contra
os bárbaros espectáculos, porque êles são
um excitante esplêndido do ódio de raças
que é necessário manter. São um belo in-
centivo de combatividade que se precisa no
deixar adormecer, para que se encontre re-
vigorado na hora em que o patriotismo
exige a brutalidade e a inconsciência que
produz a guerra.

E é assim que não se invoca a mais leve
noção de espírito humanitário, para que
êsses bárbaros espectáculos sejam supri-
midos. E foi essa absoluta ausência de hu-
manidade que matou o pobre Kid, o des-
graçado negro que pagou bem caro, que
pagou com a vida o seu desejo de igualar-
se aqueles que se dizem civilizados.

EDUARDO FRUAS

Uma revolta na Rússia

MOSCOU, 5.—O governo dos soviets
proclama o estado de sítio em Kronstadt
em consequência dum revolta de mari-
nheiros.

NA CHINA

Um movimento revolucionário

O operariado de Pequim
declara a greve geral e a
boicotagem aos produtos
estrangeiros.

PEKIM, 5.—Em consequência do protes-
to chinês contra as operações da polícia
internacional de Xangai, o ministro ita-
liano entregou uma nota ao governo chinês
afirmando que as responsabilidades pertencem
aos insubordinados.

Chegarão a este pôrto dois cruzadores
ingleses para auxiliarem a manutenção da
ordem.

Os operários chineses proclamaram a
greve geral e a "boycottage" às mercadorias
européias.

A situação continua sendo grave. — (L.)

Os ministros estrangeiros tremem — Cem mil operários em greve em Xangai

PEKIM, 5.—Os círculos estrangeiros
continuam vendo com ansiedade o desen-
volvimento da situação geral.

O embaixador dos soviets em Pekim
enviou um telegrama de simpatia aos re-
voltosos.

As embaixadas e legações estrangeiras
estão fortemente guardadas.

Em Xangai, as ruas estão patrulhadas
por carros armados, elevando-se ali a 100.000
o número de grevistas.

Em Cantão os agitadores continuam a fo-
mentar a revolta contra os estrangeiros.

NO PORTO

A atitude do governo enérgicamente verberada numa grande sessão pública

Na sede do Centro Comunista Libertário, efectuou-se domingo pretérito uma sessão de protesto contra as perseguições e deportações de militantes operários. Presidiu a esta reunião, que principiou pelas 10 e meia horas da manhã, o camarada José Gonçalves, secretário geral da U. S. O., tendo a secretariado as camaradas Júlio de Campos e Mário de Carvalho.

Felipe Baptista, membro da Comissão de agitação, escalpeliza veementemente os governantes, os quais, calcando aos pés a Constituição, vêm aciosamente movendo uma feroz perseguição à organização operária, aos seus militantes e a todos os revolucionários sociais. Censura o povo pela sua indiferença ante o despotismo, a ditadura do governo democrático, bem como critica alguns militantes por, nesta hora de luta aberta contra o capitalismo, se desinteressarem do assunto.

José Gonçalves, seguindo a mesma orientação do orador antecedente, lamenta também que o povo, especializando alguns operários com responsabilidades na organização, esteja naquele momento a cuidar mais dos seus farnéis que há-de levar à romaria do Senhor de Matosinhos, do que a pensar nos seus irmãos de sofrimento, que reclamam toda a solidariedade indispensável à sua libertação do cativeiro iníquo a que os tiranos os submetem.

Santos Júnior, das Juventudes Sindicatas, exterioriza em nome destas toda a sua indignação contra os maneios reaccionários representados no actual governo Victorino Guimarães. Termina por aconselhar a maior energia e solidariedade, a fim de se evitar mais estúpidas represálias e conseguir a repatriação dos arbitrariamente deportados.

Saúl de Sousa pulveriza todas as calúnias das forças vivas e militaristas, pelas quais se demonstra o ódio formidável que os sanguessugas do país nutrem contra a organização sindicalista e seus militantes—contra o povo que trabalha e os sustenta à barba longa. Não pode igualmente deixar de verberar o procedimento criminoso daqueles que, nesta hora trágica de perseguições bárbaras, se queixam num covarde comodismo, não reparando sequer que essa pusilanimidade pode acarretar a perda total das poucas liberdades que ainda o operário possui.

Mário de Carvalho ataca todos os crimes da sociedade presente e apela para os presentes cumprirem com os seus deveres de trabalhadores. Referindo-se aos extractos de notícias que têm vindo na imprensa burguesa, indignas e deprimentes para o brio e dignidade dos operários, pergunta porque razão os tipógrafos não exercem a censura vermelha, impedindo a publicação de tantas falsidades. Se tal fizessem, afirmavam o seu grau de conscientismo admirável. Porque não empregamos o máximo dos esforços para manter em cada localidade um jornal feito, escrito e dirigido por operários? Só quando esse facto de luz estiver nas mãos dos trabalhadores, é que a verdade resplandecerá em toda a sua pureza.

António Libório não estranha a ausência da massa amorfa, mas de certos militantes. Está convencido, contudo, de que só os militantes é que terão de arriscar a sua vida em defesa das liberdades ameaçadas, o que se tem dado até com os próprios camaradas deportados.

Canaverde é de opinião que este simpático movimento de protesto se alargue aos arredores do Porto, para o que chama a atenção da comissão respectiva. O seu sindicato já iniciou a sua propaganda a favor das vítimas da reacção governamental-democrática.

Por unanimidade, foram aprovados os seguintes documentos, respectivamente da comissão de agitação e Santos Júnior:

«O povo do Porto reunido em sessão pública a convite da U. S. O. do Porto, apreciando as perseguições que o governo vem praticando contra os trabalhadores honestos, prendendo, deportando, espancando e assassinando-os, além de os achincalharem na sua dignidade, confundindo-os com criminosos de delito comum, resolve:

1.º Manifestar publicamente a sua mais veemente repulsa e protesto contra os crimes nefastos que o governo vem cometendo; 2.º Aguardar as resoluções que sobre este assunto tome a central do proletariado dando-lhe a máxima praticabilidade; 3.º procurar manter a mais viva agitação entre o povo, mormente o proletariado.»

«Considerando que depois do fracassado movimento de 18 de Abril último, movimento com que a onda dos reaccionários da U. I. E. pretendia estabelecer uma ditadura militar, o governo vitorioso se tornou num verdadeiro ditador;

Considerando que por experiência própria os trabalhadores, depois de se baterem pela República, tem recebido desta as mais ingratas recompensas; o povo do Porto, reunido em sessão de protesto contra as deportações e perseguições de elementos avançados, promovida pela U. S. O., manifesta o desejo não só de lutar contra os reaccionários da U. I. E., como também contra todos os falsos republicanos que se afirmam esquerdistas.»

Por cumprirem o seu dever
Os operários carpinteiros, em número de oito, que trabalhavam na Fábrica Cerâmica, de Conchas, associaram-se aos protestos do operariado consciente contra as deportações, abandonando o trabalho. Como recompensa deste gesto activo a respectiva gerência despediu-os ontem.

Outro tanto sucedeu aos corticeiros, pe-

dreiros e carpinteiros que trabalhavam na firma Rosa Dourado, com fábrica de cortiça em Cabo Ruivo.

Estas mesquinhas vinganças só geram conflitos, por vezes bastante lamentáveis.

Ferreira do Alentejo
FERREIRA DO ALTEJO, 1.—O operariado aqui protesta enérgicamente contra as deportações que o governo está fazendo em Lisboa, e aplaude a Batalha pela constante e enérgica campanha de repulsa contra tal procedimento.—C.

O protesto dos empregados de escritório contra as violências das autoridades

Na reunião da classe dos Empregados de Escritório, realizada ante-ontem, a fim de ser discutido o novo regulamento sobre a lei do Horário de Trabalho, foi no final apresentada a seguinte moção, que foi aprovada por aclamação:

Moção.—Considerando que o governo democrático presidido pelo sr. Vitorino Guimarães, de acordo com os elementos reaccionários vencidos com a ajuda do povo no dia 18 de Abril p.p., a pretexto de perseguir supostos malfétores, deportou arbitrariamente para as insóportáveis terras da Guiné honrados trabalhadores que ainda há pouco defendiam o seu sangue generoso, para defesa das instituições republicanas;

Considerando que com profundo desrespeito para as próprias leis da República que asseguram plena liberdade de pensamento, o jornal «A Batalha», órgão da organização proletária portuguesa, foi violentamente impedido de circular;

Considerando ainda sem o menor respeito pela vida humana, a terrível lei de fugas, a maior ignomínia posta em prática na Jesuítica Espanha, merecendo a repulsa das consciências honradas de todo o mundo, foi posta em prática pela polícia de Lisboa que cobardemente deu morte a um preso que conduzia;

A Associação dos Empregados de Escritório reunida em assembleia magna:

Lavra o seu mais veemente protesto contra estas infâmias que constituem um atentado aos sagrados princípios da Liberdade Humana e um ultraje supremo à dignidade da classe proletária.»

Soma e segue

Ontem de manhã apresentaram-se ao trabalho, a fim de recomençarem a sua faina os operários do município Alfredo Lopes da Costa e Humberto Rodrigues de Oliveira. Quando aguardavam ordens, foram surpreendidos pela visita de vários agentes que lhes deram voz de prisão. Conduzidos ao governo civil souberam então que eram acusados de pertencerem a um complot.

Trata-se de mais uma perseguição a dois elementos do Sindicato do Pessoal do Município.

Um gesto simpático

No gabinete do dr. sr. Lino Gameiro delegado do governo junto da Provedoria da Assistência Pública, reuniram ontem os funcionários da assistência para tratarem da situação do seu colega Bernardino dos Santos que foi deportado para a Guiné.

Depois de se ter ponderado a injustiça da medida que o atingiu foi, por proposta do dr. Gameiro, resolvido que todos se coisitassem para sustentar a família de Bernardino dos Santos, enquanto a sua situação não fosse esclarecida.

O dr. sr. Lino Gameiro conferencou depois com o presidente do ministério, ministro do interior e governador civil de quem solicitou o regresso à metrópole daquele funcionário.

Conselho Geral da Federação dos Empregados no Comércio

Na sua última reunião, este organismo associou-se ao protesto da Junta Sul contra as deportações de operários.

Uma sessão de protesto em Évora

EVORA, 30.—A convite da União dos Sindicatos operários, realizou-se uma sessão pública do operariado em que foi apreciada a conduta do governo para com os operários, prendendo-os sem motivo e deportando-os sem julgamento, tendo-se aprovado uma moção de protesto contra tal atitude, reclamando o imediato regresso dos operários ultimamente deportados, saídam de todas as vítimas do capitalismo, e resolvendo-se secundar qualquer movimento que a organização operária efective tendente a fazer terminar todas estas arbitrariedades.—E.

Câmara Sindical do Trabalho de Vila Franca de Xira

O conselho de delegados, reunido em 31 de maio, resolveu tornar público o seu protesto contra as violências que o actual governo vem de praticar deportando indivíduos sem julgamento, o que constitui um atropelo à lei, uma satisfação aos reaccionários e uma vil afronta a todas as consciências bem formadas.

Núcleo de Juventude Sindicalista do Porto

Em reunião de assembleia geral do Núcleo de Juventude Sindicalista do Porto, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Enviar directamente ao presidente do ministério, um enérgico protesto, manifes-

Uma lista eloquente

Quem são as vítimas da tirania democrática cuja libertação o operariado reclama

Já está dito. A organização operária nada tem nem quer ter com quaisquer criminosos. Luta e continuará lutando pela libertação dos inocentes, ignominiosamente confundidos com indivíduos a quem não dá a mínima solidariedade.

Que se proceda para com os delinquentes, mas que se deixe em paz quem apenas do seu trabalho vive, continua a ser o nosso dilema.

A lista que a seguir publicamos é bem eloquente. Prova até onde vai a solidariedade da organização operária para com os detidos. O movimento que está em trânsito visa a fazer terminar com a situação iníqua a que estão sujeitos os seguintes presos:

Deportados a caminho da Guiné:

Construção civil: José Lopes, Alfredo dos Santos, António Dias, Elpidio Duarte Pedrosa, Alexandre José dos Santos, Luís Ferreira da Silva, Luís dos Santos Oliveira, Artur Pinho Alonso e Carlos Saldanha.

Marítimos: Daniel Severino, Arsénio José Filipe, José Alves dos Santos, Aníbal dos Santos.

Mobilários: Julião de Almeida e José Castelo.

Metalúrgicos: Amadeu Carlos das Neves e Domingos Paiva.

Manipuladores de pão: Albertino Abrantes Castanheira, Joaquim Marques Cardoso e Manuel Duarte Pereira.

Operário do município: Alfredo Pereira Vaz.

Manufactores de calçado: José Ramos e Raúl Honório.

Barbeiro: Manuel Tavares.

Tanoeiros: Fausto Teixeira e João Fernandes Pinto.

Jornalista: Rodolfo Marques da Costa.

Empregado público: Bernardino dos Santos.

No governo civil e em várias esquadras:

Hermínio de Mendonça, Jerónimo da Graça, Celestino de Almeida, João da Silva, Carlos Pereira, Artur Pereira, Artur Lopes, José Gonçalves, João Gonçalves Dimis, Eugénio Augusto Ribeiro, Tranquedão dos Santos, Pedro de Jesus, Manuel Ventura, Afonso de Albuquerque Dias, Leovigildo Ceias, José Maria, Candido Rodrigues, José Augusto Rebelo, Sebastião de Oliveira, Sérgio Correia, António José de Almeida, Florentino Marques, Manuel Pereira, José de Sousa Dias, António Viegas Fernandes, Viriato Martins, Urbano Marques e Acácio Antunes Ferreira.

Teatro Novo

Hoje, repete-se a interessante peça KNOCK ou a VITÓRIA DA MEDICINA, em que Joaquim de Oliveira tem no protagonista uma brilhante criação.

A EXPEDIÇÃO AO POLO

Tenta-se uma vez mais encontrar Amundsen

OSLO, 5.—Os navios da expedição de Amundsen, «Fram» e «Hoboy» vão iniciar um novo cruzeiro de duas semanas nas regiões árticas, conforme as ordens dadas pelo explorador na previsão de que tivesse de fazer o regresso a pé.

Uma expedição americana em dirigível

NEW-YORK, 5.—O comandante de «Zeppelin», Lindown, submeteu ao ministério da marinha o plano dum expedição em dirigível de socorro a Amundsen.

TIVOLI Telefone 11.5474

— AS 8,45 —

Os Inimigos da Mulher

Super-produção em 12 partes

segundo a novela de BLANCO IBARRÉ

A TEIA DE ARANHA

Curiosíssimo film executado com bonecos

AS RAS PEDEM UM REI

PAFÚNCIO EM AFRICA

Cine-lança em 2 partes

Uma revista de actualidades

«MATINÉE», AMANHÃ, AS 3 h.

tando-lhe a nossa repulsa pela maneira como está procedendo, com as deportações e perseguições de elementos avançados, cujo crime consiste em amarem e defenderem a liberdade em momentos de perigo como o de 18 de Abril findo. 2.º Tomar parte em todas as manifestações de protesto e de carácter revolucionário, levadas à prática pela F. J. S. e C. G. T. que visem a libertação dos presos e defesa das liberdades conquistadas. 3.º Oficiar à F. J. S. fazendo-lhe sentir a necessidade dum entendimento com a C. G. T. para a efectivação dum movimento nacional, preconizado já no segundo ponto deste documento.»

Foi também aprovado um protesto contra o bárbaro espancamento de presos.

Como elas se inventam

O Século publicou ontem a seguinte notícia:

«Realiza-se no dia 15, n. 1.º distrito criminal, o julgamento do célebre gatuno Ernesto da Silva «O Gadunha» que além de outras proezas matou há tempos o «Pad Zé» e tomou parte quando do movimento de 18 de abril, no atentado à bomba contra uma força da polícia na rua dos Bacalhoiros.»

Segundo nos vieram referir esta notícia é, como tantas outras daquele matutino, mentirosa. Ernesto da Silva foi, de facto, arguido do referido atentado e por cujo delito respondeu, sendo absolvido.

Mais tarde foi preso em virtude de nova perseguição. Remetido ao tribunal dos pequenos delitos foi ali condenado em mil e duzentos escudos. Como não pagasse recolheu ao Limoeiro.

Porém, é falso que ele seja o célebre «Gadunhas». Este é um outro indivíduo com o qual nada tem.

Assistência Infantil

Continuam afluindo donativos para a benemérita obra iniciada pelo ilustre vereador sr. Alexandre Ferreira, a fim de que 8.000 crianças das escolas primárias oficiais de Lisboa e das subsidiadas pela Câmara Municipal, possam tomar banho na Praia da Cruz Quebrada.

As festas da raça

O concurso do Orfeon Académico de Lisboa

Voltou ontem a reunir-se nos Paços do Concelho a Comissão Executiva da Comissão Nacional, nomeada oficialmente para realizar este ano as festas de homenagem a Luís de Camões.

O dr. sr. José Maria Rodrigues ilustre camoneísta director da Faculdade de Letras da Academia das Ciências comunicou que a presidência da Academia e a sua secretaria concordando muito com a ideia da celebração do glorioso épico tinham aceite a ideia de ali se realizar uma conferência sobre Camões e a sua obra no próximo dia 10, das 15 às 16 horas, e que tinham assentado que os alunos fossem depois à estátua de Camões.

O sr. Lino Ferreira, prontificou-se a auxiliar a Comissão podendo-se incondicionalmente ao seu dispor e declarar que tendo de partir para o Porto estaria de volta no domingo e começaria desde logo a trabalhar na organização da recita camoneísta que se há-de realizar no Teatro Nacional no próximo dia 10.

Ficou resolvido que a terceira parte dessa recita fosse dedicada ao orfeon académico de Lisboa sob a regência do maestro Hermínio do Nascimento, sub-director do Conservatório de Música e que os números a cantar fossem os seguintes:

«Romeiros que passam» de Hermano Leça; «O remador» de Alfredo Keilh e «Proposição dos Lusíadas» musicada por Hermínio do Nascimento.

CRISE DE TRABA LHO

Construção Civil

O delegado da Bólsa de Trabalho e Solidariedade da Federação da Construção Civil, acompanhado dum delegado do conselho técnico, procurou ontem o presidente da Comissão Autónoma das Obras da Maternidade, com quem tratou da admissão de pessoal nas referidas obras.

Por aquele senhor foi garantido que procuraria hoje o ministro do Trabalho, a fim de convençionar a aplicação da verba de 1.500 contos, votada, para a conclusão daqueles trabalhos.

Na próxima segunda-feira, o mesmo delegado voltará a informar-se do resultado daquela diligência.

A moral dum «amarelo»

A bordo do vapor «Infante de Sagres», trabalham 50 operários, tendo-se só um prestado ao repugnante papel de não aderir à greve.

Este «amarelo», que é o maquinista de 2.ª classe Romão Nunes, gabou-se descaradamente de que nada fez durante os dois dias da greve. E está a moral dos «amarelos»—odiosa e repugnante.

Sociedades de recreio

Grupo Excursionista «Os Tunas»
Comemorando o 2.º aniversário desta colectividade a direcção resolveu promover amanhã, na respectiva sede, travessa de São Caetano, 2, um bado aos pobres que será distribuído às 12 horas; uma sessão solene, às 14 horas seguida dum copo de água oferecido a várias entidades que têm coadjuvado este grupo. Esta modesta festa será abrilhantada pela tuna do grupo.

Foram-nos enviadas três senhas para o bado. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

Voador Sporting Club—Amanhã, abertura da quermesse, festa da flor, inauguração da feira no recinto e, às 20,30 horas, baile. As festas continuam nos dias 10, 12, 14, 21, 23, 24, 28 e 29 do corrente.

Cruz Vermelha Portuguesa

Durante o mês de Maio último, foram feitos pela Cruz Vermelha, no posto da Praça do Comércio, 733 curativos e 163 vacinações. No do Calvário, 829 curativos, 81 vacinações e ministrados 202 banhos. Durante o mesmo mês, foram feitas pelos autos desta benemérita instituição, 428 transportes de doentes.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

Um espectáculo soberbo se organiza para a festa da gentil e inteligente actriz Maria Clementina, no Politeama, no próximo dia 9.

Alexandre de Azevedo, o ilustre artista do teatro Politeama, tem hoje a sua «serata» de honra no mesmo teatro. Alexandre quiz ainda na noite de hoje dar-nos mais um trabalho soberbo, encarregando-se na peça «Quando o amor acaba» (Après l'amour), de Wolff e Duvernois, tradução de Avelino de Almeida, do papel do professor Mesaule, interpretação de tal responsabilidade, que a quando da estreia em Paris, teve de ser entregue ao grande Lucien Guitty.

Recêlmas

Começa às 4 horas da tarde a «matinée» de amanhã, em São Carlos, na qual teremos ocasião de admirar a sr.ª D. Margarida Lopes de Almeida, ilustre brasileira, que se tem notabilizado como escultora, e pela forma brilhante de recitar. O programa do recital constará de versos de seu pai, o sr. Filinto de Almeida, dum narrativa em prosa, e também de várias poesias de Camões, Machado de Assis, João de Deus, Raimundo Correia, Augusto Gil, conde de Monsaraz, Olavo Bilac, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Bastos Tigre, Júlia Cortines, Martins Fontes, Oldegar Mariano, Vicente Carvalho, Afonso Lopes Vieira e Afonso Lopes de Almeida.

ESPECTÁCULOS

TEATROS

St. Carlos—A's 21,30—«Uma yankee em Paris».

São Luís—A's 21—«Chic-Chic», Variedades por Mercedes Serós e Alexiane.

Trindade—A's 21,15—«Mercado de Donzelas».

Fernão—A's 21—«Era uma vez uma menina».

Politeama—A's 21,30—«Quando o amor acaba».

Joaquim de Almeida—A's 21—«A Severa».

Teatro Ilon—A's 21,0—«Knock ou a vitória da Medicina».

Maria Vitória—A's 20,30 e 22,15—«Retaplans».

Juvenio—A's 21,30—«Irmãos» e «A Glória».

Salto Voz—A's 20,30—Variedades.

Il Vicente (da Graça)—A's 20—«Animatógrafo».

Trindade Parque—Todas as noites—Concursos e Ilustrações.

CINEMAS

Colimão—Chico Terras—Salão Central—Cinema

Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro

moção da Educação Popular—Cine Paris—Cine Es

tação—Chantecler—Tivoli—Tortoise.

AGREMIações VARIAS

Grupo Excursionista «Os Perdidos»
—Realiza-se no domingo 14 de Junho, na sua sede, rua da Pascoa, 64, uma festa comemorativa do 7.º aniversário da fundação, distribuindo às 11 horas um bado aos pobres, para o qual nos enviou cinco senhas. Os nossos agradecimentos em nome dos contemplados.

Grémio Beirão—Activam-se os trabalhos para a realização do «Serao de arte» que «O Livro Pensamento» vai promover no próximo dia 13 do corrente, no salão de festas deste Grémio, cujo programa foi gentilmente confeccionado pelo sr. Jaime de Aguiar e vai ser publicado brevemente.

A RAPINA

Os abutres não largam o Lazareto

Recebemos a seguinte nota da Arcada:

«Como se sabe todo o recheio do Lazareto de Lisboa, que presentemente valeria alguns milhares de contos, desapareceu sem que até agora fosse possível chamar à responsabilidade os autores desse desaparecimento. Consta agora que alguém pretende indevidamente apossar-se de terreno que é dependência daquele estabelecimento e que, tendo o facto chegado ao conhecimento do ministério de trabalho, por este foram adoptadas já as necessárias providências no sentido de que os interesses do Estado sejam devidamente acautelados.»

O dr. Relvas...

Escreve-nos a Junta dos Restauradores para nos dizer que nada tem com o indivíduo chamado Relvas que se intitula doutor e tem andado com alguns polícias do posto do teatro Nacional solicitando donativos para uma instalação da referida esquadra.

Afirmamos a mesma Junta que nada tem com essa subscrição.

QUESTÃO INTE-RESSANTE

A firma Nunes dos Santos & C.ª, proprietária dos Grandes Armazéns do Chiado, ficou no dia 27 de Maio último verdadeiramente surpreendida ao deparar nos dois jornais monárquicos de Lisboa

«O Correio da Manhã», e «A Epoca», com uma local de chapa, em que se noticiava a publicação dum sentença proferida no Tribunal do Comércio, julgando uma acção em que a mesma firma é interessada tendo como parte contrária os senhores Viscondes de Sacavem, Condes da Ponte e Condes de Bobone.

E maior foi a surpresa sofrida pela mesma firma quando, percorrendo os outros jornais, dos que se publicam de manhã, em Lisboa, não encontrou referência alguma a tal sentença, e só nos da tarde desse dia, e em alguns da manhã do dia imediato, leu a mesma local, embora sem os comentários de que esta era acompanhada nos jornais monárquicos.

Os propósitos da publicidade dada àquela sentença ignoram os a firma Nunes dos Santos & C.ª, que sempre evitou vir para os jornais tratar dum assunto pendente do Poder Judicial, pelo respeito que tem pelas decisões deste não as sujeitando à fácil crítica dos que, não sabendo que imperiosas razões podem determinar os julgadores, facilmente lhes atribuem intenções que eles não têm pela consideração em que o mesmo Poder Judicial deve ser tido por constituir a melhor garantia e a mais sólida defesa dos direitos de cada um, e que se não compadece com o assolamento das suas deliberações.

Chamada, porém, a tal campo pelos seus antagonistas a firma Nunes dos Santos & C.ª declara:

1.º Que não se sujeitou às pretensões dos seus senhores os srs. Viscondes de Sacavem, Condes da Ponte e Condes de Bobone, porque foi parecer unânime de todos os advogados que consultou, que as disposições das leis 1368 e 1662 não se aplicavam ao seu contrato de arrendamento. Efectivamente o contrato de arrendamento celebrado com a firma Nunes dos Santos & C.ª é um contrato especial no qual a inquilina se obrigou ao pagamento de uma renda fixa e ainda ao de todas as contribuições existentes e ao das que de futuro onerassem o prédio onde tem instalado o seu estabelecimento—Os Grandes Armazéns do Chiado—; ao pagamento dos prémios de seguros e de todas as despesas de conservação.

2.º Que não se sujeitou às pretensões dos seus senhores porque além do parecer unânime de todos os advogados consultados, uma sentença proferida pelo mesmo juiz, o ex.º sr. dr. Aires de Castro, confirmava aquela opinião dos advogados, decidindo contra os senhores em hipótese semelhante à da firma Nunes dos Santos & C.ª.

3.º Que a acção não está ainda definitivamente julgada porque sobre ela terão de pronunciar-se os Tribunais Superiores.

(a) Nunes dos Santos & C.ª proprietária dos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

ASSINEM Os mistérios do Povo

«Encontra-se na nossa administração uma carteira pequena com algum dinheiro e duas fotografias, que foi achada há dias na Rua do Amparo.

Também na nossa administração se encontram uns óculos que foram achados à porta deste jornal. Estes objectos serão entregues a quem provar pertencer-lhe.

São Luís

Hoje, realiza-se a festa da interessante Mercedes Serós, que além de cantar novas canções, interpreta, na deliciosa «bluette» CHIC-CHIC vários números, cantando em português versos escritos por Esculapio.

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista?—Coligação das esquerdas—A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edições SPARTACUS Preço 6\$00

Teatro São Luís

Empresa A. RAMOS, Lda. e Erico Braga

HOJE—FESTA ARTÍSTICA—HOJE

DA GENTIL «TONADILLERA»

Mercedes Serós

que toma parte na interpretação da graciosa revista

CHIC-CHIC

cantando em português um fado escrito por ESCULAPIO e um novo repertório de canções

M.ELLE ALEXIANE

interpretará originaes bailados

Amélia Pereira, Maria Gôrte Real, Lagôa, Almada e Samwel Diniz

têm brilhantes criações em vários números

Deliciosa de graça no «Gavrocha» HORTENSE LUZ

<

Os cruzados investigam os subterrâneos, as adegas, os celeiros, os vãos, e, afinal, encontram em lugares escuros feridos, enfermos, inválidos, velhos, ou mulheres prestes a dar à luz um filho; os cruzados encontram também esposas, filhas, mães que não quizeram abandonar um pai, um filho, um marido, contusos ou demasiado velhos para fugir, atravessando bosques, montanhas e ficarem ali nomadas ou escondidas durante dias, durante meses. Fugiram então todos os habitantes de Carcassonne!

Fugiram todos os habitantes de Carcassonne? Sim, avisados durante a noite da sorte do visconde e dos consules, temendo o exterminio de que a cidade estava ameaçada, fugiram todos; os feridos arrastando-se como podiam, as mulheres levando os filhinhos às costas, os homens carregando-se de algumas provisões; sim, todos, abandonando os seus lares, os seus bens, fugiram por um secreto subterrâneo, fugiram os herejes de Carcassonne.

Fugiram por um subterrâneo secreto, os herejes de Carcassonne. As sarças dos bosques, as cavernas das montanhas serão o seu refugio durante dias, durante meses, e se alguma vez chegarem a ver a sua cidade, quantos voltarão do fundo dos bosques e dos rochedos? Quantos haverão escapado à fadiga, à miséria, às enfermidades e à fome? Partiram mais de vinte mil, regressaram talvez alguns milhares. «Oh! os herejes de Carcassonne escaparam-nos! exclama o nuncio do papa; os que não puderam segui-los pagaram pelos outros. Saqueiem a cidade, e depois do saque, a fogueira, a força para esses malvados que estão em nosso poder». Carcassonne é devastada inteiramente. Depois do saque levantam-se forcas, empilha-se a lenha para as fogueiras. Os cruzados carregam com os feridos, uns

mutilados, outros moribundos, com os valetudinários, com os velhos, com as mulheres na ocasião de darem um filho à luz; os cruzados carregam também com as esposas, com as filhas e mães daqueles que não puderam fugir. Chamas de fogueira, flamejem! Cordas das forcas, retezem-se com o peso dos suplicados! Os herejes de Carcassonne que ficaram na cidade, todos foram enforcados ou queimados; todos, e em seguida carregados os carros de despojos!

A Lavour! exclamou o nuncio do papa. Arrojado Montfort! a caminho! Mata, rouba, queima os herejes! o nosso santo Padre assim o ordena! A Lavour! a Lavour! respondeu Montfort! E ei-los que partem para Lavour, os cruzados católicos, de padres à frente, de cruz encarnada no peito, com o nome de Jesus nos lábios, a espada em uma das mãos, o archote na outra. Que mal fazemos nós a esses padres?

—Que mal lhes fizemos!

Isto é o grito de guerra dos herejes

Sim! ei-los a caminho para Lavour, com o archote em uma das mãos, a espada na outra, os cruzados católicos, sim, eis o que eles têm feito até hoje. O valoroso filho do Languedoc! ó filhos da velha Gália! que subestes, como nossos pais, reconquistar as suas liberdades, leiam na bandeira dos cruzados católicos, leiam... em traços de sangue e de fogo: Chasseneuil, Beziers, Carcassonne, Digam: ler-se-há em breve: Lavour? Alby? Tolosa? Arles? Narbonne? Arnhão? Beaucaire? Respondam: não basta já de incêndios? Digam; não será bastante: Chasseneuil, Beziers, Carcassonne? não é bastante!

Digam: Chasseneuil, Beziers, Carcassonne, não é bastante? Respondam: as nossas cidades, montões de cinzas? os nossos campos... desertos embranquecidos-se-hão com as ossadas? os nossos bosques... ficaram sendo florestas de forcas? os nossos rios... tor-

rentes de sangue? o nosso céu... o clarão inflamado do incêndio ou das fogueiras? Respondam: quem isto? homens ativos resgatados do jugo da Igreja católica? quem tornar a cair, com suas mulheres e seus filhos debaixo do poder, escravos desses padres de quem os soldados violam, enforcam, queimam tanto mulheres como crianças? Quem isto? Não, não querem! não, o seu coração arfa, o seu sangue requiema-se, e dizem: Chasseneuil, Beziers, Carcassonne... basta! é bastante!...

Oh! sim, Chasseneuil, Beziers, Carcassonne, é bastante! apesar da sua valentia, nossos irmãos morreram! redobremos em valor, esmaguemos o inimigo. Para ele, não haja trégua nem misericórdia, nem descanso, nem piedade; por montes e por vales, levigamo-lo! arrazemo-lo! façamo-lo em postas! Levantemo-nos todos, filhos do Languedoc, todos! Guerra implacável, guerra de morte aos cruzados católicos! temos por nós a justiça, tudo é possível contra eles, tanto o forçado como a foice rossadoura, tanto o pau como a pedra, as mãos ou os dentes! A's armas, herejes do Languedoc! as armas! nós também gritamos: —A Lavour!... E que Lavour seja o tumulto dos cruzados católicos!...

Mylio compôs esta canção pouco tempo depois das mortandades de Chasseneuil, de Beziers, e de Carcassonne, e cantou-a por todo o país, ao passo que o exercito dos cruzados se dirigia para a cidade e castelo de Lavour.

Filhos de Joel, as seguintes scenas passam-se numa linda vivenda abandonada de seus senhores herejes, situada a pouca distância do castelo da senhora Giralda, sitiado pelos cruzados. Esta casa é habitada pelo general do exercito da fé, Simão, conde de Montfort e sua mulher, Alice de Montmorency, a qual havia pouco tempo, viera reunir-se a seu esposo no Languedoc; as tendas dos senhores rodeiam a morada do

chefe da cruzada. O acampamento, formado de choças de terra ou de ramos de árvores pelos soldados, estende-se ao longe, a multidão dos escravos que fugiram dos domínios de seus senhores, atraídos pela esperança do roubo, dormem no chão e sem abrigo. E' noite; uma tocha de cera alumia debilmente a sala inferior da vivenda; um bom lume arde na chaminé, porque a noite está fresca. Dois cavaleiros conversam ao pé do lar; um deles é Lamberto, senhor de Limoux, que exercia no tribunal de amor de Blois as funções de conservador das prerrogativas de amor; o outro é Hugo, senhor de Lascy, ex-senescal das mangeronas no mesmo tribunal. Posto que armado de ponto em branco, traz na cabeça um barrete de peles que lhe deixa ver na testa coberta uma ligadura; este cavaleiro foi ferido no cerco de Lavour.

Hugo de Lascy, (dirigindo-se ao seu companheiro, que acaba de entrar na sala). — Montfort está um pouco melhor; um dos seus escudeiros, que saiu ainda agora do quarto próximo, disse-me que o conde dormia havia duas horas, e que a febre parecia diminuir. Lamberto de Limoux. — Tanto melhor; pois eu vinha dizer a Alice de Montmorency que não deve contar com o médico que espera de Lavour.

Hugo de Lascy. — Que médico? Lamberto de Limoux. — Esta manhã, a condessa, vendo Montfort cheio de febre e exposto a dolorosas sufocações, que o seu escudeiro cirurgião não podia atalhar, lembrou-se que tinha ouvido dizer a um dos nossos prisioneiros que o mais célebre médico do país, posto que hereje endiabrado, estava no castelo de Lavour. A condessa mandou vir o prisioneiro, oferecendo-lhe a liberdade, com a condição de entregar ao médico uma carta, em que se lhe prometia vida salva se consentisse em vir prestar os seus serviços a Montfort; depois do que o célebre Esculápio poderia recolher-se à cidade sitiada!

Hugo de Lascy. — Que imprudência! Como se arroja a condessa a fiar-se dum hereje? Lamberto de Limoux. — Descansa, porque tudo

MARCO POSTAL

Coimbra. — A. Freitas: Segue um pacote com os jornais pedidos. Vai busca-los a casa do nosso agente. Porto. — A. Conde: Seguem hoje para o C. Ferro, as capas pedidas. Terrugem. — J. M. M.: Assinatura paga até 2 de junho. — M. J. C.: Suplemento pago até 30 de junho. — J. A. S.: Assinatura paga até 31 de maio. Beja. — J. F. F.: Assinatura paga até 3 de junho. Ferreira do Alentejo. — F. T. T.: Assinatura paga até 3 de março.

Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores do mundo. Um milhão, 2500. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa aquecimento, dura 2500. Tubos fechados e abertos, tampões, picos, moias, rodas ócas e massiças. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO. — Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

LIMAS NACIONAIS

UNIAO. Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Tours» da União Tômé Pereira, Ltd., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Ouvraria e Joalheria

Santos Catita, Lda. R. da Boavista, 22 — R. Eugénio dos Santos, 44 Grande sortido em objectos de ouro e prata para brinde. JOIAS E PEDRAS FINAS Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

Conhece o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnifico «Mapa de Portugal e Ilhas de Dependencies», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 2550, pelo correio Esc. 3250. Pedidos a: Livraria Popular de Francisco Franco — 30, T. S. Domingos, 34.

BOM E BARATO!!!

Feito de fatos, com bons forros, e esmerado acabamento, a 20000. Aos operários sindicados 10 % de desconto. Manuel Justino de Oliveira Rua de Campolide, 61 (Última paragem do eléctrico)

FOTOGRAVURA

TRICROMIA ZINCOGRAFIA DESENHO GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908 GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913 PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49 LISBOA TELEFONE 2554 C

Armazem de Musicas e Instrumentos

Joaquim José de Almeida SUCESSORES GUERRA PAIS & C.ª 34 — Rua José António Serrano — 34

PIANOS ALEMÃES

Representantes das importantes Fabricas Franceseas: Triboville e Martin e Alemã Cyranco. O melhor arquitecto do país, Instrumentos para Orquestra, Banda e Tuna. Planos alemães. Saia o novo Catálogo que se envia gratis a quem o pedir.

FATOS

Feitos por medida a 260\$00 em boas casimiras ALFAIATARIA DIAS 84 — RUA D. PEDRO V — 86

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª FERRAGENS E FERRAMENTAS Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis — Chapa ferro preta e zincada Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc. 84, R. DO AMPARO. 86 — LISBOA — TELEFONE 3930, N. Gramas, FERRAGENS

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS em boas fazendas de lã com bons forros desde 159\$00 IMPREMIVEIS INGLESES com lino e rapuz, desde 169\$00 CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00 CALÇAS desde 40\$00 ABATIMENTOS PARA REVENDA O CHAVES DO CONDE BARÃO 170, Rua da Boavista, 172

“ASFALTO” O melhor para evitar a humidade das paredes e muito especial para celeiros. JOSÉ AUGUSTO ALVES 16, R. VITORINO DAMÁZIO, 18 Serra da Estrela CASAS mobiladas, todas as comodidades, alugam-se Trata: RUA MORRIS SOARES, 66, 2.º, Di.º

Pedras para isqueiros aos quilos, aos milhares e aos centos. Tubos, rodins, picas, fundos e moias de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Venda em grandes quantidades aos melhores preços para revenda. A melhor pedra para isqueiros (Qualidade garantida) DÚZIA \$50 Pedidos a CARLOS A. SANTOS Rua do Arsenal, n.º 8 — Lisboa

ENXOFRE Italiano FLORISTELA Em sacos brancos de algodão 50 quilos Entrega imediata Vende ao melhor preço do mercado ANTÓNIO SARAIVA Rua dos Caminhos de Ferro, 22 LISBOA

RUA DO AMPARO A sapataria mais económica da Lisboa 28 Telefone C. 3541

MATERIAL ELÉCTRICO PARA RAIOS, MONTAGENS E REPARAÇÕES TELEFONES E CAMPAINHAS FORÇA MOTRIZ TELEFONE C. 5420 LOPES & VALÉRIO, L.ª (ELECTRICITY) ABAT-JOURS EM ARAME Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

FABRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento GOARMON & C.ª Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244 — LISBOA

Polioclínica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98 Telefone N. 5353 Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — 4 horas Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 4 horas Fele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 a 5 horas Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 1 hora e meia Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 3 horas Doenças das crianças — Dr. Cordeiro Pereira — 3 horas Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 0 horas Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas Reio X — Dr. José de Pádua — 4 horas Análises — Dr. Gabriel Beato — 4 horas

PEDRAS PARA ISQUEIROS Metal Auer, assim como rodas ócas e massiças, tubos, moias, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e a casa que fornece em melhores condições.

ficará em ter-se soltado um prisioneiro. O tal velhaco partiu daí a pouco, e como desejava a condessa, esperei até agora nos postos avançados o médico, a fim de o acompanhar aqui; anoiteceu, e visto não ter aparecido, não devemos contar com ele. Entretanto, dei ordem para que o acompanhassem logo que se apresentasse no acampamento, o que é provável não aconteça.

Hugo de Lascy. — Repito que a condessa está insensata. Confiar a um inimigo a vida de Montfort, a alma da cruzada!

Lamberto de Limoux. — Fiz esta mesma objecção a Alice de Montmorency; mas ela respondeu-me que o tal médico sendo o que aqueles reprobos chamam um perfeito, ele levaria certamente a hipocrisia ao ponto de não trair a confiança que depositavam nêle, tal é a grande simulação daqueles miseráveis em afectarem de pessoas de bem.

Hugo de Lascy. — Os tais endiabrados são, na verdade, capazes de fingimentos os mais criminosos para simularem a virtude.

Lamberto de Limoux. — O que não é fingimento, é a resistência enraivecida da gente de Lavour; não sabes que se defendem como leões? Sangue de Cristo! parece, um sonho! O cerco daquela cidade amaldiçoada, que nos custa já tantos capitães e soldados, dura há um mês; ao passo que Chasseneuil, Beziers e Carcassonne foram assaltados quasi sem dificuldade.

Hugo de Lascy. — Essa resistência, tão encarniçada como inesperada, e que encontramos tanto aqui como noutros pontos onde se deram os nossos últimos combates contra os albigenes, é atribuída aos versos duma fúria selvagem, cantados de cidade em cidade pelo miserável Mylio o Trovador a quem conhecemos no norte da Gália.

Lamberto de Limoux. — Mylio deve achar-se entre os sitiados; sem dúvida que ele excita a semelhante defesa a senhora de Lavour, uma das herejes mais contumazes do país.

Hugo de Lascy. (com um sorriso cruel). — E' ter

paciência! não estamos no tribunal de amor, onde a gente de guerra se inclina perante a autoridade das mulheres. Sangue de Cristo! quando nos apoderarmos daquele infernal castelo, ali inauguraremos um terrível tribunal de justiça, e a senhora de Lavour será a rainha da fogueira.

Lamberto de Limoux. — E depois do suplicio daquela endiabrada, nós te saudaremos senhor de Lavour, feliz Lascy! visto que Montfort te prometeu a posse desse senhorio, um dos mais consideráveis do Albigenes.

Hugo de Lascy. — Invejarás tu aquela doação? Não concedeu já Montfort, como senhor e conquistador do viscondado de Beziers, muitos senhorios aos chefes da cruzada?

Lamberto de Limoux. — Deus me livre de ter inveja daquilo de que te fazes mercê, Hugo. Enquanto a mim, já tenho a minha parte, e, a dizer a verdade, os bons sacos de ouro e a linda baixela de prata de que eu me apoderei no saque de Beziers, e que tenho nas minhas bagagens, parecem-me preferíveis a todos os domínios do Albigenes. A gente não pode trazer consigo nem terras nem castelos, e os azares da guerra são perigosos; mas semelhantes probabilidades espero não receá-las mais no dia dez deste mês.

Hugo de Lascy. — Porque motivo essa data?

Lamberto de Limoux. — No dia immediato a esta data espiram para mim os quarenta dias de cruzada que todo o cruzado tem obrigação de votar à guerra santa, desde o momento em que pôs pé em terra hereje, depois dirige-se com os seus homens a caminho de casa, e é o que eu me proponho a fazer em breve.

A confidência do ex-conservador das prerrogativas de amor é interrompida por um dos escudeiros de Montfort, que sai a correr de um quarto próximo.

Hugo de Lascy. (ao escudeiro). — Onde vai a correr?

O Escudeiro. — Ah! monsenhor conde corre grande perigo.

Hugo de Lascy. — Mas ainda há pouco que dormia profundamente?

O escudeiro. — Acaba de acordar com uma sufoca-

ção terrível; corro a procurar o abade Reynier, por ordem da condessa, para que ele ministre a monsenhor os últimos sacramentos.

Apenas o escudeiro saiu, quando um homem de armas entra e diz a Lamberto de Limoux: — Senhor, trago-lhe o hereje de Lavour, que por sua ordem esperei nos postos avançados.

Lamberto de Limoux. — Que venha! que venha! Não podia chegar mais a propósito.

Hugo de Lascy. — Entregar a vida de Montfort a quem reprobou! Não sei o que tu fazes!

Lamberto de Limoux. — Vou acompanhá-lo a presença de Alice de Montmorency. Só ela pode decidir em tão graves circunstâncias.

O homem de armas torna a entrar logo com Karvel o Perfeito; na fisionomia transparece-lhe a serenidade habitual; trás na mão um cofrezinho.

Lamberto de Limoux (a Karvel). — Segue-me, que te vou acompanhar a presença de Alice de Montmorency.

Simão, conde de Leicester e de Montfort acha-se deitado e o seu estado é agonizante.

Alice de Montmorency está de joelhos a cabeceira do marido; tem apenas trinta anos de idade.

Lamberto de Limoux acompanhou Karvel o Perfeito a presença de Alice de Montmorency, e deixou-o sózinho com ela no quarto de Montfort. Depois de ter feito o sinal da cruz, Alice disse ao médico com voz débil e surda: — Vens tarde!

Karvel. — Temos muitos feridos em Lavour; julguei dever primeiro tratar deles. Mandaste-me chamar em nome da humanidade, venho, senhora, cumprir um dever sagrado.

Alice de Montmorency. — Apraz às vezes ao Senhor empregar, para bem dos seus escolhidos, os instrumentos mais preveros!

Karvel sorriu-se deste acolhimento singular e aproximou-se da cama de Simão, cujo olhar fixo, abrasador, alucinado não dá nenhum sinal de inteligência.

Depois de ter por muito tempo e atentamente examinado o conde, depois de lhe ter passado a mão pela testa, e tocado levemente com o dedo nos lábios ressequidos, e consultando o pulso, o Perfeito disse à condessa:

— E' necessário primeiro que tudo sangrar seu esposo, senhora, (e dizendo isto tirou da algibeira um estojo contendo uma ligadura encarnada e lancetas e escolhendo uma acrescentou): Fava favor, senhora, de aproximar essa mesa e esse castiçal, e ajudar-me-há depois a segurar no braço de seu marido. Essa bacia de prata que eu vejo ali em cima daquele móvel, servirá para apanhar o sangue do doente.

Recomendo-lhe por favor, senhora, que não desampare o braço do conde até que eu pique a veia; porque ao pé dela está uma artéria que eu poderia rasgar ao menor estremecimento do enfermo, e tal golpe seria para ele... mortal.

Alice de Montmorency, (impassível). — Meu esposo pode morrer, porque está em estado de graça.

Karvel, assustado com esta insensibilidade glacial fica um momento interdito, depois abre a veia com pericia. Immediatamente sai dela um facto de sangue preto e condensado que cai fumegante, na bacia de prata.

Karvel. — Que sangue tão negro! Espero que a sangria salve seu marido, senhora.

Alice de Montmorency. — Faça-se a vontade do Senhor!

O sangue do doente continua a correr na bacia de prata. Este ruído surdo e continuo é o único que interrompe o profundo silêncio que reina no quarto. O Perfeito, observando atentamente as feições de Montfort, vê pouco a pouco operar a benéfica influencia da sangria. A pele do enfermo, até então seca e abraçada, cobre-se de suor abundante; a sua respiração torna-se cada vez mais fácil; o peito cobra alívio; os olhos ao principio fixos e fulguerosos fecham-se-lhe debaixo do peso das pálpebras.



O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Um importante discurso de Rodolfo Rocker

Parcialmente, também o movimento dos cartistas contribuiu para selar a sua ruína, pois esta primeira forma do movimento operário político-parlamentar, despertou nas vastas massas do proletariado esperanças que não podia, naturalmente, satisfazer.

Enquanto na Inglaterra se sucederam deste modo as primeiras organizações do moderno movimento operário, surgiu no continente, em França especialmente, uma grande série de escolas socialistas e social-reformistas, que aspiravam a uma transformação maior ou menor das bases económicas da sociedade. Homens como Fourier, Saint-Simon e os seus discípulos e um pouco mais tarde Leroux, Cabet, Proudhon, Vidal, Pecqueur, Blanc, etc.—tendo a companhia dos os jacobinos socialistas, que se agrupavam em sociedades secretas, no tempo do chamado reinado civil, em torno de Blanqui e Barbès—tiveram a pesada tarefa de desenvolver teorias e táticas, um ponto como denominador comum: Todos tinham reconhecido que as transformações puramente políticas não eram capazes de resolver os problemas sociais que interessavam a sociedade. Por isso procuraram a solução desses problemas na transformação das condições económicas sobre uma base mais ou menos socialista. Alguns intentaram isso, abstendo-se de toda a actividade política; outros cuidaram de alcançá-la o seu melhor objectivo aspirando a introdução na política de uma ideologia socialista.

A maior parte dessas tendências—com excepção das sociedades babouvistas, que se compunham em maioria de operários—eram integradas quasi exclusivamente por elementos intelectuais e por membros das classes precursoras que aspiravam por razões ideais à abolição da miséria social. Mas essas ideias encontraram ao princípio pouca compreensão entre as massas. Apenas, muito mais tarde, quando nasceram, do seio da classe operária francesa, as chamadas "associações", como primeira forma do movimento operário do país, encontraram também difusão, no proletariado, as ideias dos pensadores socialistas.

Foram especialmente Luís Blanc e depois Proudhon, os que tiveram maior influência no desenvolvimento espiritual das associações, no fim de contas, não se deve confundir, como se faz muitas vezes, com as actuais cooperativas.

Mas essas jovens movimentos da classe operária francesa, como todos os outros germens do movimento operário francês, foram sufocados, pelo golpe de Estado de Luís Bonaparte, e quando o movimento surgiu novamente em 1860-1870, adoptou ainda mais acentuadamente um carácter sindical fortemente influenciado pelas ideias socialistas.

Dos sindicatos de Inglaterra e França nasceu mais tarde a Associação Internacional dos Trabalhadores, cujas origens ideológicas podem ser seguidas nestes países

até 1830-40 e 1840-50. A Internacional não foi o parto de alguns cérebros engenhosos, não nasceu da ideia de alguns eleitos, mas do seio das massas trabalhadoras e formou-se segundo os seus desejos e necessidades.

No mesmo sentido realizou-se também o desenvolvimento espiritual da Internacional. As suas ricas fontes não nasceram do gabinete de estudo de algum sábio, mas das lutas práticas da vida quotidiana, das experiências de um presente combativo. Se as resoluções dos seus primeiros congressos em Genebra (1866) e Lausanne (1867) eram muito indefinidas e moderadas, as lutas práticas dos anos seguintes foram a melhor escola dos trabalhadores para o desenvolvimento das suas ideias.

As resoluções dos congressos de Bruxelas (1868) e de Basileia (1869) mostraram-nos a Internacional no ponto culminante da sua evolução espiritual. No congresso da Basileia, o belga Hins, expoz o grande pensamento da unidade política das comunas e da reorganização da sociedade pelos sindicatos.

De essa dupla organização das associações operárias locais e das federações gerais de indústria, produziu-se há, por um lado, a administração política das comunas e por outra a representação geral do trabalho tanto regional como nacional e internacionalmente. Os conselhos das organizações de officio e de indústria substituíram os actuais governos e essa representação do trabalho dissolverá de uma vez por todas os velhos sistemas políticos do passado.

Esse novo e fecundo pensamento nasceu da convicção que qualquer nova forma económica do organismo social encerra também uma nova forma de organização política e que só dentro dela se pode realizar. Por essa razão o socialismo deve aspirar também a uma forma política especial, dentro da qual poderá entrar na vida e ao princípio julgou-se ter-se encontrado essa forma no sistema dos conselhos do trabalho (soviets). Os trabalhadores dos países latinos, onde a Internacional encontrou o seu principal ponto de apoio, desenvolveram o seu movimento sobre a base das organizações económicas de luta e dos grupos de propaganda socialista trabalhando no sentido das resoluções de Basileia.

Como reconheceram no Estado o agente político e o defensor das classes parasitas, não aspiraram, de nenhum modo, à conquista do poder político, mas à superacção do Estado e à abolição do poder político em todas as suas formas, reconhecendo em todas as condições de toda a tirania e de toda a exploração. Por isso não pensaram em imitar a burguesia, fundando um novo partido e abrindo o caminho a uma nova classe de políticos profissionais. O seu objectivo era a conquista da terra e das fábricas e reconheceram bem que era esse fim que os distinguia profundamente da política da burguesia radical.

(Continua)

Em Coimbra

Uma reunião importante dos organismos operários

COIMBRA, 1.—Com a ordem de trabalhos que segue, reiniciamos domingo, pelas 14 horas, na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão, desta cidade as direcções dos sindicatos aderentes à C. G. T., assim como o Comité de Propaganda Confederal de Coimbra. Ordem dos trabalhos: Preenchimento das vagas existentes no Comité de P. Confederal, constituição da comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho, apreciação da atitude da C. G. T., no último movimento reaccionário, e resolver o caminho a seguir em face das deportações ultimamente feitas pelo governo do sr. Vitorino Guimarães.

Em nome do Comité de Propaganda Confederal, e como sendo este organismo o promotor da reunião, fez uso da palavra o camdrado Adolfo de Freitas que leu algumas partes do relatório do referido comité—especializando aquelas que dizem respeito à sua constituição, razão das vagas existentes e a atitude do Comité em face das torpes insinuações e mentiras vis, publicadas em A Internacional, de autoria de Gaudêncio Cardoso, António Rodrigues, etc., etc.

Depois de vários camaradas fazerem uso da palavra, foi resolvido sobre este assunto o seguinte: cada sindicato e sindicato atingidos, visto terem os articulistas em questão entrado no campo pessoal, fazerem a sua defesa—sendo estes documentos juntos ao relatório do referido Comité, para assim ser varrida a testada quanto à má-fé feita contra os organismos integrados na C. G. T., pelos indivíduos que procuram destruir a organização sindicalista. Em seguida foi aprovado o preenchimento das vagas existentes no Comité que ficou constituído por: Mário Lebre, José da Velha, Manuel de Almeida, Adolfo de Freitas e Henrique dos Santos.

Sobre a constituição da Câmara Sindical do Trabalho de Coimbra falaram diversos camaradas, tendo-se por fim acordado que a melhor forma de conseguir esse desideratum era a realização de uma conferência inter-sindical, na qual se discutiria mais convenientemente esse assunto. Entretanto, os sindicatos devem reunir em assembleia geral para fazer a respectiva propaganda e nomeação dos delegados.

Depois, entrando-se na análise da posição que o Comité da C. G. T. tomou quando do último movimento reaccionário e no fim de longa discussão, debatendo-se se ao sindicalismo se deve dar uma ideologia libertária, se o mesmo se deve limitar à luta no campo económico e sem um fim de transformação da sociedade, foi aprovado o seguinte documento:

«Considerando que a C. G. T. uma irreversível posição, se uniu a outros elementos estranhos ao campo sindical, quando do último movimento reaccionário;»

«Considerando que a organização operária integrada na C. G. T. possui a forma moral e material para afirmar-se e actuar contra os que pretendem derruir as liberdades;»

«Os sindicatos operários de Coimbra, integrados na C. G. T., em face de tudo o que se passou, resolvem:»

1.º Tomar como facto consumado a atitude do Comité da C. G. T.

2.º Demarcar a organização operária a sua finalidade—que segundo seu entender é libertária.

3.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o, a-pesar-de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

4.º Procurar dar à organização sindicalista, no caso de ela não satisfazer as necessidades do momento, aquela organização necessária para uma melhor consecução da sua finalidade.

Entrou depois em discussão a atitude a tomar em face das deportações ultimamente levadas a efeito pelo governo Vitorino Guimarães, sendo aprovada a moção que em outro lugar é publicada.

Foi apreciado depois o novo regulamento da lei das 8 horas, sendo resolvido esperar o parecer do conselho jurídico da C. G. T. para em seguida resolver o caminho a seguir.—C.

HORARIO DE TRABALHO

Federação dos Empregados no Comércio

A Junta Sul desta Federação tem recebido correspondência de grande parte dos sindicatos da classe, regosijando-se com a publicação do regulamento do horário de trabalho e pelos esforços dispendidos para a aprovação do citado regulamento pela Federação.

Sobre descanso semanal acaba de tomar conhecimento que o sr. governador civil de Leiria oficiou a todos os delegados do governo no seu distrito, pedindo o cumprimento daquela regalia, especialmente para Pombal onde a lei não se tem cumprido.

Todos os pedidos de modelos e cartões para a fiscalização devem ser pedidos directamente pelos sindicatos à sede desta Federação.

Em Almada e no Caramujo

COVA DA PIEDADE, 2.—Em Almada o horário de trabalho está sendo desrespeitado por vários corticeiros, entre eles o que fazem cargas e descargas na companhia «Londres».

Admite-se o trabalho extraordinário num embarque urgente, mas esses trabalhadores fazem-no com desembarques em que isso é absolutamente evitável.

Também na moagem do Caramujo se tenta trabalhar além do horário normal, pois os operários aí não têm a noção do que lhes deve interessar.—E.

Em Ferreira do Alentejo não se cumpre o horário

FERREIRA DO ALENTEJO, 1.—O horário de trabalho não se faz aqui cumprir pelo comércio. As autoridades, por sua vez, não se interessam em fazê-lo cumprir, e a Associação de Classe dos Empregados no Comércio não dá acôrdo de si, embora haja alguns elementos que tenham vontade de fazer acôrdo. O operariado há muito que aqui cumpre o horário das 8 horas e por isso o último regulamento não lhe trouxe benefício algum.—(C.)

Na mina de São Domingos o regulamento não se cumpre

MINA DE SÃO DOMINGOS, 2.—A Empresa Mineira parece não estar disposta a cumprir integralmente o regulamento do horário de trabalho em todas as secções da indústria, porquanto se verifica que em algumas delas o trabalho extraordinário excede o que é admissível, não sendo pago devidamente.

No Sindicato dos Mineiros aguardam-se indicações da C. G. T. para iniciar as reclamações e fiscalizações.

Espera-se há dias a afixação de editais vindos da Administração do Concelho, chamando a atenção da Empresa para o cumprimento do art. 22.º do regulamento sobre o horário de trabalho.—C.

Indigno procedimento de uma empresa

CASTELO BRANCO, 2.—T.—A empresa moageira despediu operários por reclamação do cumprimento do horário normal de trabalho.

As autoridades não providenciaram. Reclamam-se a quem de direito.—C.

Em Santa Bárbara de Nexe

SANTA BÁRBARA DE NEXE, 2.—Há ainda operários aqui que não cumprem o horário de oito horas, e em Faro, na fábrica Judice Fialho, um grupo de operários filiados no sindicato da Construção Civil desta localidade, trabalham 10 horas por dia.—E.

Os operários das obras do Teatro Ginnásio estão traindo as 8 horas

As secções profissionais dos pedreiros e dos estuadores do Sindicato da Construção Civil enviaram-nos um energético protesto contra o procedimento dos operários que trabalham nas obras do Teatro do Ginnásio e que sem respeito algum pelo horário de trabalho estão executando duas horas suplementares por dia.

Realmente é para lamentar que uma classe que tanto sacrifício dispendeu para o triunfo das 8 horas as desrespeite como sucede aos operários a que nos estamos a referir.

A Câmara Sindical do Trabalho de Vila Franca de Xira tomou resoluções

VILA FRANCA DE XIRA, 31.—Em reunião do conselho de delegados, hoje efectuada, foi apreciado e largamente discutido o regulamento das 8 horas de trabalho, bem como a atitude de alguns operários gananciosos e ainda um manifesto ultimamente distribuído pela Associação Comercial e Industrial desta vila, onde se aconselhava os comerciantes e industriais a cumprir a lei devido a ainda subsistir a suspensão das garantias, e pondo-os de sobre-aviso para quando o país entrasse na normalidade lancarem-se na luta contra as 8 horas de trabalho. Foi finalmente resolvido que a Câmara Sindical respondesse com outro manifesto, e reclamar da autoridade local o rigoroso cumprimento da lei. Foi aprovado um protesto contra a exclusão dos Trabalhadores Rurais e Domésticos.—C.

Operariado de Portimão

PORTIMÃO, 2.—Em todas as indústrias se verifica o desrespeito ao horário de oito horas de trabalho, destacando-se as várias secções da fábrica do sr. Fialho, que reduziu bastante o seu pessoal, estando a minoria que ficou trabalhando a fazer horas extraordinárias e a trabalhar ao domingo, sem consideração pela sorte dos seus camaradas—suspensos e a braços com a miséria.

Uma sessão em Évora

ÉVORA, 30.—Realizou-se na U. S. O. de Évora, uma sessão para tratar do cumprimento do horário de trabalho.

Francisco Cascalho e Alvaro Diniz protestaram contra a atitude do governador civil, que vem fazendo com que os estabelecimentos comerciais e industriais se conservem abertos por mais tempo que o permitido pelo regulamento agora em vigor, permitindo que as tabernas abram por tempo ilimitado.

Foi nomeada uma comissão para ir entrevistar sobre o assunto o governador civil—usando entretanto da palavra António G. Pato e Vermelho—tendo o go-

A actualidade no estrangeiro

EM ITALIA

A reacção fascista

As repredias fascistas prosseguem por toda a Itália.

Bastou que alguns camisas negras cassem vítimas das suas provocações e os operários respondessem com a violência ao regime da violência instaurado pelo fascismo, para que os assassinos de profissão reconhecessem a sua odiosa campanha de assaltos, crimes e devastações em toda a península.

A repetição destas violências, demonstra que para o fascismo não existem leis, e que são eles os primeiros a comprovar a sua ineficácia, quando se trata de atacar os direitos dos que trabalham.

NO MEXICO

Um governo «social-militarista»

O povo mexicano está sofrendo as «delícias» do regime socialista, presidido pelo general Plutarco Elias Calles.

Assim, a associação revolucionária dos inquilinos de Vera Cruz, simplesmente por ter convocado o povo desta cidade para tratar directamente da solução do problema do inquilinato, sem a intervenção da Confederação Regional Operária Mexicana, foi vítima dos maiores atropelos por parte das autoridades «operárias».

Em frente da sede desta associação, onde se realizou a primeira reunião pública, compareceram os mantenedores da ordem, que com o pretexto de que os assistentes estavam contrariando o «bom trabalho» realizado pela C. R. O. M., a favor dos inquilinos, distribuíram pranchadas para a direita e para a esquerda, não poupando mulheres nem crianças.

Como se vê, no México, assim como em todas as partes onde existem governos «socialistas», o povo é sempre tratado como nos regimes burgueses, podendo, portanto, ser todos medidos pela mesma bitola.

NO CHILE

Demagogia e inconsciência

O povo chileno continua festejando o seu salvador Alessandri, que voltou de novo a ocupar o seu pedestal de ídolo caído.

Por falta duma orientação clara e precisa sobre o móbil, que persegue, está a classe trabalhadora, na sua maioria, submetida a este demagogia.

No entanto, depois da chegada do dr. Alessandri as greves tem-se sucedido no Chile, tornando-se a situação das massas populares, cada vez mais precária, porém, a-pesar-de isso, elas continuam depositando confiança na anunciada assembleia constituinte.

Uma ideia perfeita do messianismo difundido na massa operária do Chile e da sua creença na boa fé do novo presidente é-nos dada pela seguinte informação telegráfica de Santiago:

«Um grupo de grevistas fundidores passou pela Praça da Moneda, a fim de visitar a imprensa de «El Diário Ilustrado». Nesse momento chegou à janela do palácio o sr. Alessandri, que foi aplaudido. Um operário advertiu os seus companheiros que não deviam aplaudir o presidente porque ele nada tinha feito por eles.»

«O sr. Alessandri dirigiu-lhes a palavra, manifestando que castigaria energeticamente os agitadores, mas também faria justiça às classes trabalhadoras, necessitando tranquilidade para governar.»

«O incidente reuniu muitas pessoas na praça, que aplaudiram o sr. Alessandri, que terminou por declarar, que receberia a comissão na presidência.

«De tarde, a comissão foi recebida pelo presidente, que inutilmente pediu que lhe indicassem o nome do operário que tinha contrariado, a fim de convencê-lo que estava em erro. A mesma comissão foi em seguida a El Diário Ilustrado, declarando lamentar o incidente.»

NA ALEMANHA

Os social-democratas e os reaccionários

Depois de terem preparado o terreno para o triunfo da reacção, os social-democratas, vendo-se agora também ameaçados nas suas posições privilegiadas, procuram agarrar-se aos vários partidos burgueses.

Assim, o ministro-presidente da Prússia, Braun, dirigiu um apelo de colaboração aos populares, e diz-se que procura organizar um gabinete ministerial onde estejam não só representados os populares, mas até os próprios nacionalistas que apoiaram a candidatura do general Hindenburg.

Os social-democratas da Prússia esforçam-se por que se mantenha o actual parlamento porque receiam perder nas novas eleições os lugares que ocupam actualmente. Em Hamburgo e na Saxónia já colaboram com os reaccionários do partido popular.

Certos elementos socialistas têm-se oposto à tática adoptada pelos social-democratas da Prússia, porque compreendem que a «grande coligação», incluindo até nacionalistas, afastará do partido grande número de operários desiludidos.

vernador respondido ter mandado abrir as tabernas e mercearias devido a protestos dos comerciantes, mas que faria para que o regulamento fosse cumprido.—E.

Os trabalhadores dos armazéns de vinhos

Os trabalhadores de armazéns de vinhos veem, de há muito, reclamando as 8 horas de trabalho. Essa sua justa reclamação tem, até agora, esbarrado na má vontade dos exportadores. Estes têm-se servido de todos os trócos para lhes não concederem essa regalia, chegando a recorrer a repugnantes perseguições que têm ido até ao iníquo despedimento de trabalhadores.

Agora em face do último regulamento do horário de trabalho, entregaram ao governador civil uma representação que é um amontoado torpe de mentiras que os jornais de grande circulação gostosamente publicaram

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reuniu ontem, apreciando o último movimento grevista e os protestos que muitos organismos da provincia têm formulado contra as deportações.

Nomeou delegado a sessão de propaganda promovida pelos Rurais de Saborra e resolveu convocar a comissão organizadora do Congresso Confederal a reunir na próxima semana.

C. S. T. L. (Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Instaladora.

COMUNICAÇÕES

Impressores Tipográficos.—Em reunião de direcção foi apreciado vário expediente e resolvido convocar a assembleia geral para o dia 9 do corrente, em virtude de se encontrar demissionária.

Tendo também apreciado a forma como a classe secundou o último movimento, regosijou-se por mais uma vez ela ter sabido afirmar as suas tradições revolucionárias.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 21 horas, o conselho técnico de melhoramentos, para tratar dum assunto urgente.

Secção do Povo do Bispo.—Pelas 20,30 horas, a Comissão Administrativa, devendo comparecer os que têm cobrança a seu cargo.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:
Pintores de Construção Naval.—A comissão administrativa, às 20,30 horas, para tratar assuntos a apresentar na assembleia geral que na próxima segunda-feira se realiza.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação de Tanoaria.—Reúne amanhã, pelas 10 horas, a Comissão Administrativa para um assunto urgente.

S. U. Metalúrgico.—Reúne, na próxima terça-feira, pelas 20 horas prefissas, o pessoal da União Fabril.

Comissão Mista de Propaganda do Beato e Olivais.—Reúne amanhã, pelas 11 horas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais—Comissão Administrativa.—Reuniu em 2 do corrente para tratar de vários assuntos. Apreciação expediente que constava de officio do Secretariado Confederal de Propaganda, do delegado directo ao Conselho Confederal da C. G. T., do Sindicato de Beja e delegado em missão de propaganda, aos quais deu despacho. Resolveu que o officio de Beja baixe ao próximo Conselho Federal visto o assunto dizer respeito ao mesmo. Sobre o officio do delegado junto do Conselho Confederal resolveu reunir a comissão administrativa em 4 do corrente para tratar exclusivamente daquele assunto.

Apreciação mais uma vez as perseguições ao operariado e apreensão de «A Batalha» resolvendo mais protestar energeticamente contra tamanha arbitrariedade, esperando que a organização rural se manifeste contra a obra de terror que o governo está engendrando. Resolveu que o Conselho Federal reúna no dia 14 do corrente pelas 15 horas, a fim de tratar de assuntos inadiáveis, esperando a comparencia de todos os delegados.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação.—Comité federal.—Na sua reunião de ontem, apreciou os últimos acontecimentos resolveu enviar nova circular aos Nucleos sobre assuntos preponderantes e terminar com a reunião permanente.

Núcleo de Lisboa.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, o secretariado com um delegado de cada secção.

Núcleo do Porto.—Reúne em assembleia geral, a mocidade trabalhadora filiada neste organismo, para a apreciação dos trabalhos da comissão encarregada da edição dum boletim, órgão da mocidade sindicalista revolucionária do Porto, deliberando dar-lhes plenos poderes para que o mesmo saia sem encargos materiais para o cofre do Núcleo.

Para que o jornal tenha uma vida própria, realizar-se-á, dentro em breve, um grandioso festival cujo produto líquido reverta não só em seu benefício como também no alargamento das instalações da biblioteca juvenil.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2300. Extracções sem dor, a 10000. Consulta especial das 10 às 12. Condições de dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74,1.º Telef. 4186 C.

ESPERANTO

Grupo de Educação Social de Palma.—Previne que continua aberta a inscrição para este curso. No dia 8 começam as lições leccionadas por um membro da Nova Vozja, que gentilmente se prontificou. As aulas começam às 21 horas.

Ler o Suplemento de A BATALHA

Nessa representação pede-se, com evidente cinismo, para que seja mantido o regime de 10 horas de trabalho. Chegam mesmo ao ponto de na representação pedir licença para desrespeitar a lei. Esta de se pedir licença para desrespeitar a lei é única, e só passaria pela cabeça de exportadores.

Os exportadores chegam a lanhar que «as 8 horas de trabalho lanharão a indústria na ruína». Contudo, convencidos de que a lamúria só despertaria incredulidade e riso, argumentam com os embarques urgentes e com a hora das marés. Dois subterfúgios de facil refutação: os cais permitem as cargas a qualquer hora e os embarques urgentes fazem-se com serões, como eles de resto confirmam na sua mentirosissima representação.

Nota final: os exportadores pagam aos trabalhadores de armazéns de vinhos os irrisórios salários de 8, 10 e 12 escudos.

NA GARAGE "AUTO-PALACE"

Um velhote de 68 anos vítima duma bárbara agressão, faleceu 24 horas depois

Na garage «Auto-Palace» fazia serviço desde há tempos um velhote de 68 anos, António de Sousa, muito considerado pelas suas qualidades de carácter. O «chefe» Bartolomeu dos Santos, temperamento agressivo, vinha de há tempos maltratando o pobre velhote.

Na passada segunda-feira o Santos depois de insultar a sua vítima e de esta lhe ter devolvido o insulto, deu-lhe um violento pontapé no ventre que o prostrou no solo.

Conduzido para sua casa, o desventurado António de Sousa faleceu 24 horas depois, em consequência da selvagem agressão.

Participado o ocorrido à policia o assassinado foi removido para a Morgue, onde se encontra para ser autopsiado, devendo efectuar-se no domingo o seu funeral.

O Bartolomeu dos Santos foi preso, mas como é «chefe» do bebé Carlos de Oliveira movem-se altas influencias para que ele fique impune do seu bárbaro gesto a-pesar-de haver nove testemunhas oculares.

INSTRUÇÃO

Escolas Elementares Técnicas

A Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa conforme a resolução do 2.º Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias de Artes e Officios e Arte Aplicada celebradas há 9 do corrente «o dia das Escolas Elementares Técnicas» em Lisboa com uma sessão solene no edificio do Instituto Superior do Comércio pelas 21 horas, na qual usará da palavra algumas individualidades em destaque no meio intelectual e político.

No Porto haverá uma sessão solene na Escola Infante D. Henrique e em Coimbra o mesmo acontecerá na Escola Commercial.

Na cidade do Porto realizam-se nos próximos dias 27, 28, e 29 o 3.º Congresso para o qual a comissão organizadora tem recebido adesões das Escolas do Norte e Sul do país.

Visita de estudo

Organizada pela secção de excursões da associação académica da Escola Commercial de Ferreira Borges, realiza-se amanhã pelas 14 horas, uma visita de estudo ao Museu de Arte Antiga.

OS QUE MORREM

António de Sousa

Realiza-se amanhã, às 14,30 horas, o funeral de António de Sousa, o velho bárbaramente agredido na garage «Auto-Palace».

O Sindicato Unico Metalúrgico convida os seus associados a incorporarem-se no funeral que sai da Morgue para o cemitério da Ajuda.

Rosa Cândida Monteiro

Faleceu a sr.ª Rosa Cândida Monteiro, mãe do operário José Dias, contínuo do Sindicato Ferroviário. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, saindo do Asilo de Mendicidade para o cemitério do Lumiar.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2